

**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## Processos de despossessão no território negro do samba: O Vai-Vai do Bixiga<sup>1</sup>

Felipe dos Santos Neres

Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

### Sessão Temática 12: Gênero, etnia e diversidade no campo e na cidade

*Resumo. O presente artigo objetiva-se a analisar um território negro na metrópole de São Paulo. Planeja compreender de que maneira as manifestações culturais advindas da diáspora, se revelam nos saberes, práticas, culturas e modos de vida comunitária no Grêmio Recreativo, Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai – núcleo de sociabilidade de múltiplas expressões afro-diaspóricas no tempo/espaço. Partindo dessa constatação, esse trabalho faz um panorama sobre a formação e os processos de despossessão experimentados pelo Vai-Vai no território do Bixiga.*

*Palavras-chave. Bixiga; Territórios negros; Territórios afro-diaspóricos; Vai-Vai.*

### Tradução do título em inglês

**Abstract.** *This article aims to analyze a black territory in the Metropolis of São Paulo, Brazil. It plans to comprehend in which way cultural manifestations, that emerges from the diaspora, are revealed in knowledge, practice, culture and community ways of life in the Recreative union association (Grêmio Recreativo), Social and Cultural Samba School Vai-Vai – place of sociability of multiple afro-expressions diasporas in time/space. Based on this analyses, this work provides an overview of the formation and processes of dispossession experienced by Vai-Vai in the territory of Bixiga neighbourhood.*

*Keywords: Bixiga; Black territory; Afro-expressions diasporas; Vai-Vai.*

### Tradução do título em espanhol

**Resumen.** *El presente artículo pretende analizar un territorio negro en la metrópoli de São Paulo. Planea comprender cómo las manifestaciones culturales provenientes de la diáspora se revelan en los conocimientos, prácticas, culturas y formas de vida comunitaria en el Grêmio Recreativo, Cultural y Social Escola de Samba Vai-Vai - núcleo de sociabilidad de múltiples expresiones afro-diaspóricas en el tiempo/espacio. Basándose en esta observación, este documento ofrece una visión general de la formación y los procesos de desposesión experimentados por Vai-Vai en el territorio de Bixiga.*

*Palabras clave: Bixiga; Territorio negro; Territorio afro-diaspórico; Vai-Vai.*

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

## Introdução

As discussões sobre o racismo nas cidades brasileiras vêm sendo tencionadas nos estudos urbanos, a partir da compreensão das práticas sociais de grupos, comunidades e territórios e os processos de territorialização e des/reterritorialização, como modo de reivindicar o direito à cidade.

Para o professor Silvio Almeida (2019), o racismo envolve um complexo sistema de discriminação e preconceito, experimentados por indivíduos que pertencem a grupos sociais distintos, processo de ordem estrutural e político, com vantagens e desvantagens.

Para Lélia Gonzalez (1988, 2022) o racismo pode ser compreendido como marcador social, fundamental das relações sociais brasileiras, onde deve-se compreender enquanto estrutura, mecanismo ideológico em benefício da branquitude, que submete negros e outros grupos populares a constantes processos de exploração e de violência.

A partir dessa tensão, têm-se o racismo como um sistema, que inferioriza corpos negros e que os levam a ocupar espaços subalternos, concebe-se também como estrutural, ao levar corpos negros a intensos processos de luta e disputa no espaço urbano, modo de resistência que está intrinsecamente atrelado às relações de poder, operadas pela branquitude.

Nesse contexto, a pensadora Sueli Carneiro nos convida a examinar o racismo através do conceito de dispositivo da racialidade (2022), tendo em vista, as intercorrências sociais entre brancos e negros, onde brancos são tratados por um padrão normativo de comportamento e de amplos privilégios em detrimento ao grupo negro, que vai experimentar violências, perseguições e preterimentos de seu corpo no espaço.

À luz desses conceitos, torna-se imprescindível compreender práticas espaciais e urbanas produzidos pelo negro – ator social, ao escancarar o racismo como limitador de práticas urbanas e como marco regulador de corpos no espaço, “aos corpos negros ser invisibilizado não é exceção, é norma.” (CARNEIRO,2021).

Essa pesquisa, se propõe a compreender os processos de despossessão dos corpos negros na metrópole de São Paulo no território negro do Bixiga, a partir das decisões e políticas urbanas que provocam constantes processos de diaspóricos do grupo negro na metrópole.

O trabalho mostra-se de modo engajado, onde faço parte do movimento “Saracura Vai-Vai” – coletivo que busca reivindicar a memória negra do Bixiga, a partir de achados arqueológicos encontrados nas obras da linha 6 laranja do metrô, fato que tem mobilizado moradores, movimentos sociais, pesquisadores e entusiastas, em um território que sofre com o historicídio e o apagamento da memória negra ao longo de sua história.

A metodologia empregada, valeu-se do ponto de vista situado, ao cruzar a pesquisa de campo com a história oral, fundamentada pelos atores e grupos sociais que constroem e mantêm relações nesse território, grãos e matriarcas portadores do conhecimento e do axé, transmissores de memória e de ancestralidade negra.

### 1. O lugar do negro no pós-abolição

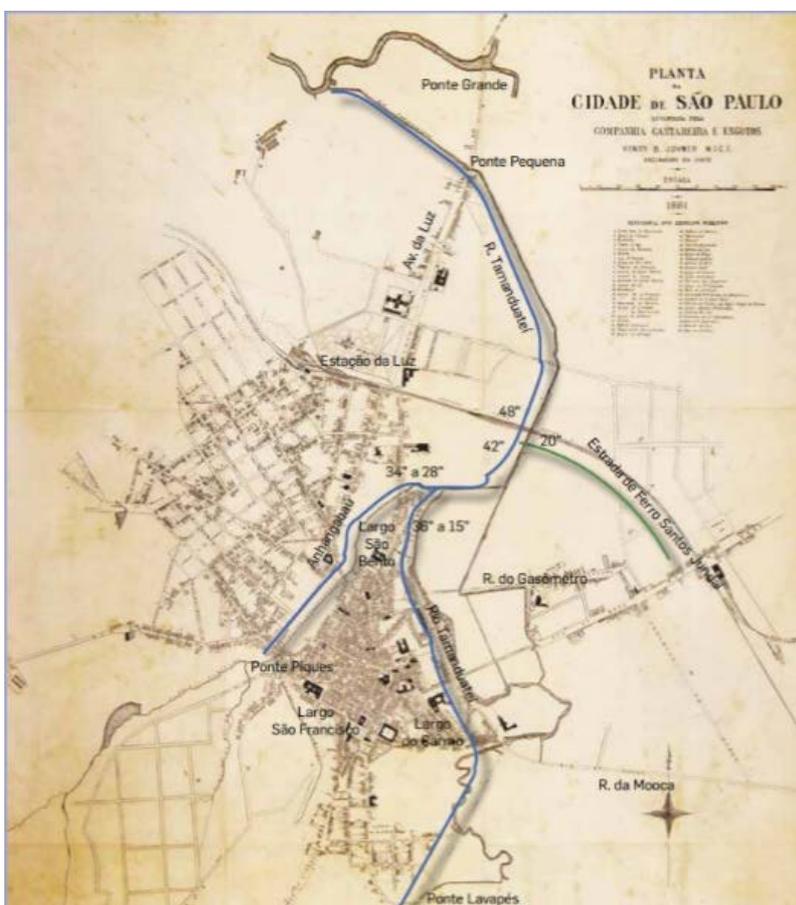
Observa-se que desde o período colonial, são inúmeras as práticas e políticas de branqueamento da população, incentivadas pela imigração europeia durante todo o século XX, de claras pretensões eugenistas<sup>1</sup>, onde aspiram extinguir a qualquer custo, todo e qualquer vestígio de práticas negras, amparadas por instrumentos legais e de controle social.

Acerca disso, é oportuno trazer, como planejar o espaço urbano no Brasil mostra-se racista, as reformas urbanas empreendidas no início do século XX por Francisco Pereira Passos<sup>2</sup> no Rio de Janeiro e Antônio da Silva Prado<sup>3</sup> em São Paulo, são exemplos emblemáticos de tentativas de eliminação dos vestígios negros pelo processo da eugenia, instaurando um método de se planejar cidades no país.

A reforma urbana realizada pelo prefeito Francisco Pereira Passos, conhecida como o “bota abaixo”<sup>4</sup> ou “Reforma Passos”, que entre os anos de 1903 e 1906 pretendia fazer do Rio de Janeiro a “Paris dos trópicos”, caracterizada por uma série de reformas urbanas, como a ampliação e a construção de ruas, avenidas, praças, monumentos e edifícios públicos, demolindo cortiços e espaços de sociabilidade negras como a região da “Pequena África”<sup>5</sup> na virada do século XX.

O bota-abixo, dissipou parte da população negra do cais do Valongo e do centro histórico do Rio de Janeiro, comunidades que se viram obrigadas a migrar para os morros da zona sul ou para as áreas longínquas da cidade, formando assim, os subúrbios cariocas, sob esse prisma, observam-se, como esses deslocamentos provocaram um intenso processo diaspórico da população negra no Rio de Janeiro.

A experiência de São Paulo agiu nesse mesmo sentido, onde as reformas empreendidas pelo prefeito Antônio da Silva Prado, entre 1899 e 1911, são decisivas na expulsão dos negros que viviam próximos ao triângulo histórico e na região sul da Praça da Sé<sup>6</sup>, tidos como lugares majoritariamente negros na virada do século, que se viram obrigados a migrar e a ocupar as áreas das várzeas dos rios Tamanduateí, Tiete, Anhangabaú e Saracura, desses espaços, surgem novas territorializações, em resposta ao Estado, que não se mostrou capaz, de oferecer condições de sobrevivência ao grupo, no período do pós-abolição.



**Figura 01:** Mapa histórico da cidade de São Paulo, em 1881. Destaque para os rios Tamanduateí, Anhangabaú e as Pontes Lavapés(sul), Ponte Piques (centro-oeste), Ponte Pequena e Ponte Grande (norte, cruzando rio Tietê). Fonte: (Oseki, 1992).

Acerca dessas intervenções urbanas, que ditaram as regras nas políticas do planejamento urbano e que levaram a intensos processos de deslocamentos e remoções da população negra durante o século XX, perpetuaram uma *práxis*, que tencionam o conflito racial no espaço urbano na contemporaneidade. As experiências de Pereira Passos no Rio de Janeiro e de Antônio Prado em

São Paulo, se revelam por intensos processos de despossessão dos corpos negros, que levam à periferização e se reverberam nos mais variados modos de se fazer e planejar o urbano no país.

Assim, a partir dos exemplos observados, essas experiências se apresentam à serviço da branquitude, em um esforço de supressão e regulação de práticas sociais e de território pelo grupo negro, a seguir, busco compreender os atravessamentos no tempo/espaço de um território negro em São Paulo, o território do Bixiga.

## 2. Um quilombo urbano

Pretende-se aqui, contextualizar o Bixiga a partir de sua formação que tem origem no quilombo urbano da Saracura, sobre o assunto, cabe uma breve menção do jornal Correio Paulistano de 03 de outubro de 1907 :

“É um pedaço da África. As relíquias da pobre raça impelida pela civilização cosmopolita que invadiu a cidade, ao depois de 88, foi dar ali naquela fuma. Uma linha de casebres borda as margens do riacho. O Valle é fundo e estreito. Poças d’água esverdeada marcam os lugares donde saiu a argila transformada em palacetes e residências de luxo. Cabras soltas na estrada, pretinhos seminus fazendo gaiolas, chibarro de longa barba ao pé dos velhos de carapinha embranquecida e lábio grosso de que pende o cachimbo, dão aquele recanto uns ares do Congo. Alli pae Antônio, cujas mandingas celebram os supersticiosos de Pinheiros, de Santo Amaro, da várzea do Tabôa, pratica os seus mistérios e tange o urucungo, apoiando ao ventre rugoso e despido a cabaça resonante”. (Jornal correio paulistano, 03/10/1907).

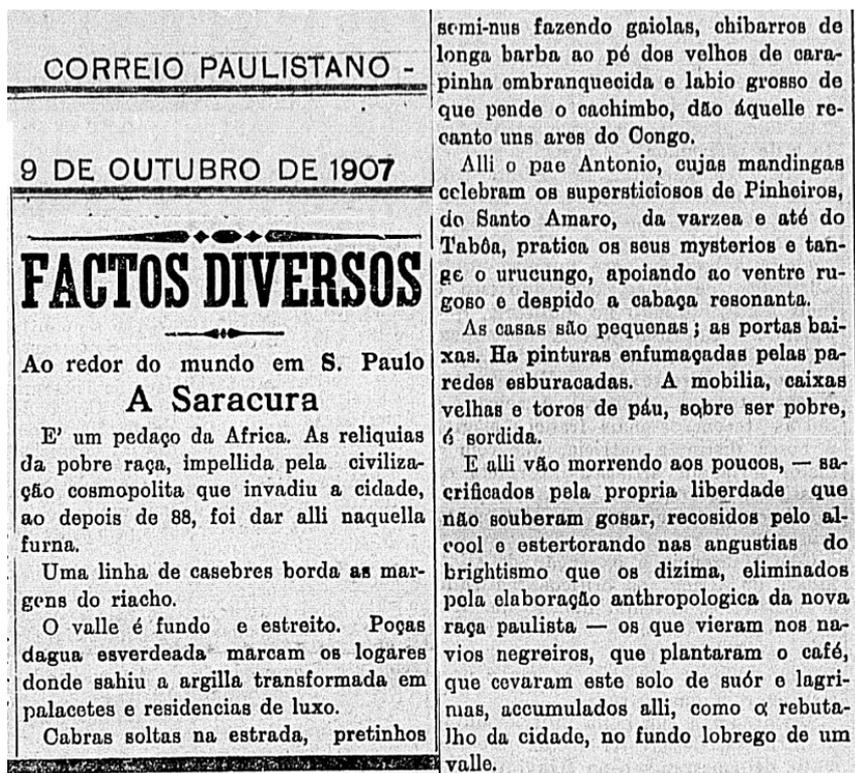


Figura 02: “A Saracura” – O Bixiga Fonte: Jornal “O Correio Paulistano” de 1907.

A região descrita na notícia, trata-se do quilombo urbano da Saracura, quilombo que surge às margens do córrego Saracura, sítio histórico, de origem do bairro do Bixiga, apesar da reportagem descrever a região sob um ponto de vista exótico e até mesmo folclórico, busco relacionar a notícia com as cartografias oficiais que ilustram e apresentam a evolução territorial do Bixiga.

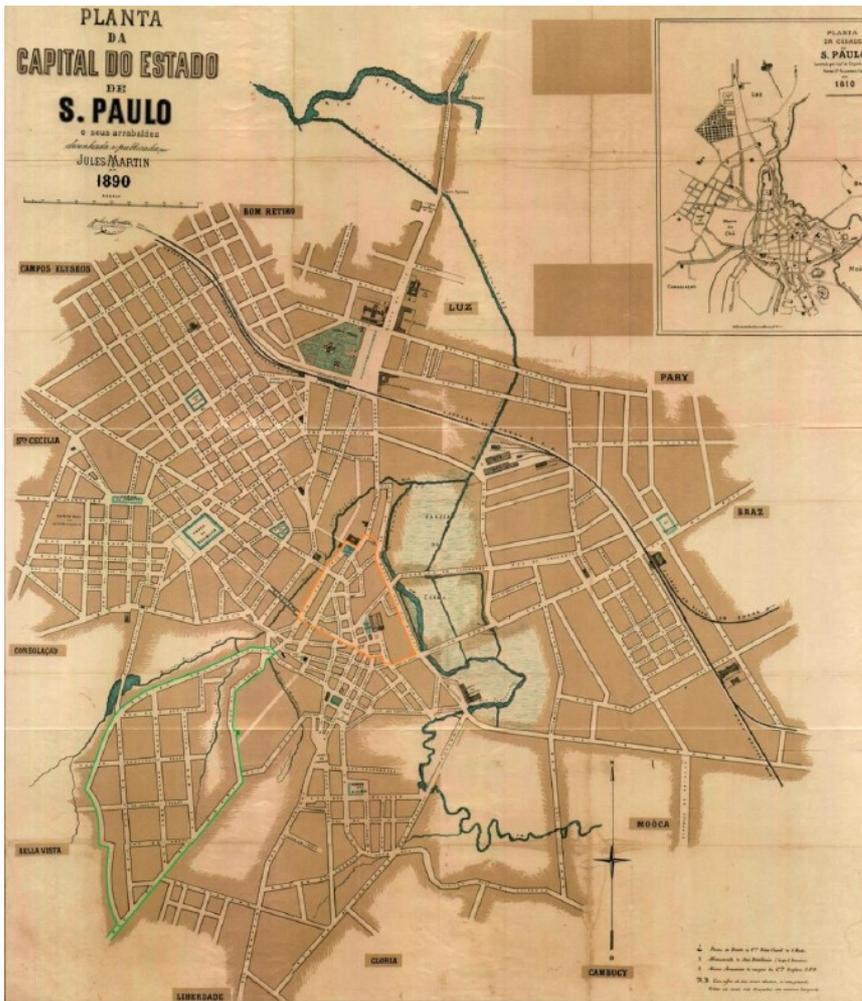
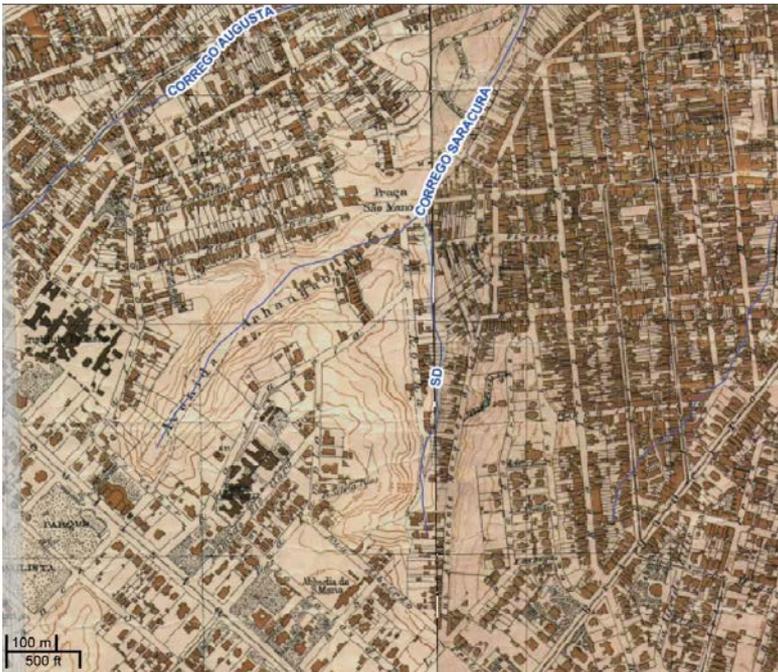


Figura 03: Planta da cidade de São Paulo de 1890, em laranja o triângulo histórico e em verde a região do Bixiga. Jules Martin, em 1890. Fonte: Informativo Arquivo Histórico Municipal, SCHENCK, 2018.



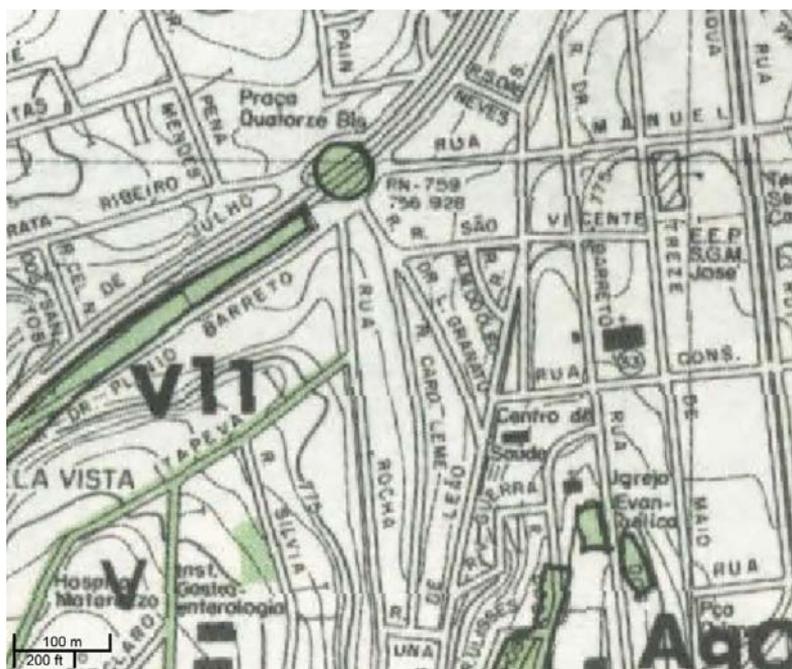
Figura 04: Planta dos Terrenos do Bexiga (1890). Fernando de Albuquerque, engenheiro civil. Fonte: Instituto Bixiga.



**Figura 05:** Mapeamento do Sara Brasil de 1930 – O Bixiga e o Vale do Rio Saracura, disponível em: [http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx?id=22408](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=22408)



**Figura 06:** Mapeamento da Vasp Cruzeiro de 1954 – O Bixiga e o Vale do Rio Saracura, disponível em: [http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx?id=22408](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=22408)



**Figura 07:** Mapeamento da Vegetação de 1988 – O Bixiga e o Vale do Rio Saracura, disponível em: [http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx?id=22408](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=22408)

As cartografias buscam demonstrar a evolução urbana e os limites físico-territoriais do Bixiga que mostram-se incertos, controversos e muitas vezes questionados por seus atores sociais, o território apresenta-se como *Bela Vista*, seu topônimo oficial, *Saracura* em referência a memória do Quilombo urbano e do rio Saracura e *Bexiga*, grafia que remete aos descendentes de italianos que chegaram na região no século XIX, busco considerar a grafia *Bixiga*, reconhecida por seus moradores, que constroem e tecem relações nesse território.

Sueli Carneiro no podcast *Mano a Mano* (2022), nos partilha da seguinte memória: “A Bela Vista, Bixiga, Brown... Era um território preto.” (CARNEIRO, 2022).

Diante dessa fala, que me atravessa e leva a prosseguir com essa pesquisa, busco ilustrar o quilombo urbano da Saracura a partir dos estudos empreendidos por Raquel Rolnik (1997):

“Era possível viver da coleta no Grotão entre a Rua Santo Antônio e a Várzea: pesca de peixes e caranguejos de água doce, palmito e iguarias do Sertão que circulariam nos tabuleiros (carás, cozidos, pinhões quentes, ibás, cuscuz de bagre, jabuticabas, araças, guarirobas, grumixamas, pitangas, cambucis) ou venda de lenha.” (ROLNIK, 1997).



**Figura 08:** Vale do Rio Saracura na altura da Praça 14-Bis, data provável de 1900. Fonte: Instituto Moreira Salles. Disponível em: [https://ims.com.br/wp-content/uploads/2017/06/acv\\_imgcapa\\_1412366153.jpg](https://ims.com.br/wp-content/uploads/2017/06/acv_imgcapa_1412366153.jpg)

As citações e as cartografias, evidenciam as práticas sociais do vale do Rio Saracura na virada do século e compreendem parte da conformação do quilombo urbano da Saracura. Em relação a definição de quilombo urbano têm-se:

“Esses locais ou eram cômodos e casas coletivas no centro da cidade ou núcleos semirrurais – as roças das periferias urbanas, bastante semelhantes ao que são hoje as roças de periferia dos terreiros de candomblé nas cidades” (ROLNIK, 1997, p. 84).

Para BRAGA e FERREIRA (2010):

“Os Quilombos Urbanos constituem uma rede de solidariedade procurando em tese vencer as desigualdades sem abandonar sua etnicidade e buscam, de forma intensiva, o reconhecimento e a inserção nas cidades”. (BRAGA E FERREIRA, 2010, p.01).

Sob essa definição, cabe diferenciar os quilombos urbanos com os de rompimento<sup>7</sup> – conformado por extensas áreas rurais, distante dos centros urbanos, emblemáticos lugares de resistência, opostos aos quilombos urbanos – que se caracterizam por rotas de passagem, de composição social formada por trabalhadores urbanos, recém libertos ou escravos urbanos.

“Os antigos redutos de resistência à escravidão viraram “territórios de negros”, onde as tradições herdadas dos africanos floresceram”. A capoeira, o batuque, as danças de roda e o culto aos orixás, práticas mal vistas pela sociedade, encontraram nesses locais um porto seguro” (ROLNIK, 1989).

Assim, mostra-se evidente, que o quilombo urbano da Saracura, apresentou-se como um núcleo fundamental de resistência negra na virada do século XIX em São Paulo, um reduto de resistência à escravidão que torna-se um território negro, de intensas relações afro-diaspóricas no tempo e no espaço.

### **3. Do quilombo urbano ao território negro do samba**

A Saracura torna-se Bixiga, o Bixiga torna-se Vai-Vai – a mais popular e tradicional escola de samba de São Paulo, agremiação e núcleo de sociabilidade negra, que se originou do time de futebol e cordão carnavalesco do Cai-Cai em 1930 e em 1972 com a oficialização dos desfiles das escolas de samba, torna-se oficialmente “Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai”.

Diante disso, cabe uma breve menção da origem do samba paulista nas festas de Pirapora do Bom Jesus<sup>8</sup>, lugar de origem das primeiras práticas do samba rural, originário dos batuques, umbigadas e tiriricas, praticados por famílias negras que anualmente saíam em comitiva rumo a cidade de Pirapora do Bom Jesus, dos filhos batizados nos barracões do samba, temos Geraldo Filme, Madrinha Eunice e seu Carlão do Peruche<sup>9</sup> figuras fundantes do samba paulistano. Além dos festejos negros realizados em Pirapora do Bom Jesus, as famílias negras tinham o costume de batizar seus filhos na religião e no samba, um desses filhos ilustres, temos Fernando Penteadado, baluarte e griô do Vai-Vai, que vai nos contar parte da história do Bixiga.

“Quando eles chegaram aqui, os italianos, nós já estávamos aqui [...] No século XIX já tinham famílias negras morando, vendendo, fazendo seus artesanatos, tinham também as quituteiras.”  
(Fernando Penteadado, em entrevista concedida no dia 04/08/2022).

Segundo Muniz Sodré (1989), a identidade coletiva do grupo negro, deve ocorrer em um lugar de coesão e existência, diante disso, Fernando Penteadado nos revela a primeira “sede” do Vai-Vai, a casa da Rua 14 de Julho:

“Nós tínhamos uma casa na Rua 14 de Julho entre 1968-1971, porque até então, o Vai-Vai não tinha escritório, uma sede, era na casa de um qualquer que ficavam os instrumentos, a dona Olímpia nossa matriarca, era responsável pela corte, ficava tudo na casa de dona Olimpia [...]”  
(Fernando Penteadado, em entrevista concedida no dia 04/08/2022).

“Ali na casa da Rua 14 de julho nós sofremos o primeiro despejo em prol do progresso, tinham muitos dos nossos ali, passou o Minhocão, o Elevado Costa e Silva e foram embora todos”.  
(Fernando Penteadado, em entrevista concedida no dia 04/08/2022).



**Figura 09:** O Pavilhão do Vai-Vai. Fonte: Site Oficial do Vai-Vai

Na descrição de Fernando Penteadado, têm-se o primeiro processo de despossessão colocado ao povo do Vai-Vai no Bixiga, a partir da construção do Elevado Costa e Silva – Minhocão e do Viaduto Júlio de Mesquita Filho, construídos entre 1971-1972, pelo prefeito Paulo Maluf, obras que são símbolos do rodoviarismo, cicatrizes urbanas, projeto de claras pretensões eugenistas, assim, parte da Rua 14 de Julho é expropriada para dar lugar ao Viaduto Júlio de Mesquita Filho, onde os moradores e famílias negras, são desalojados para abrigar a obra viária.



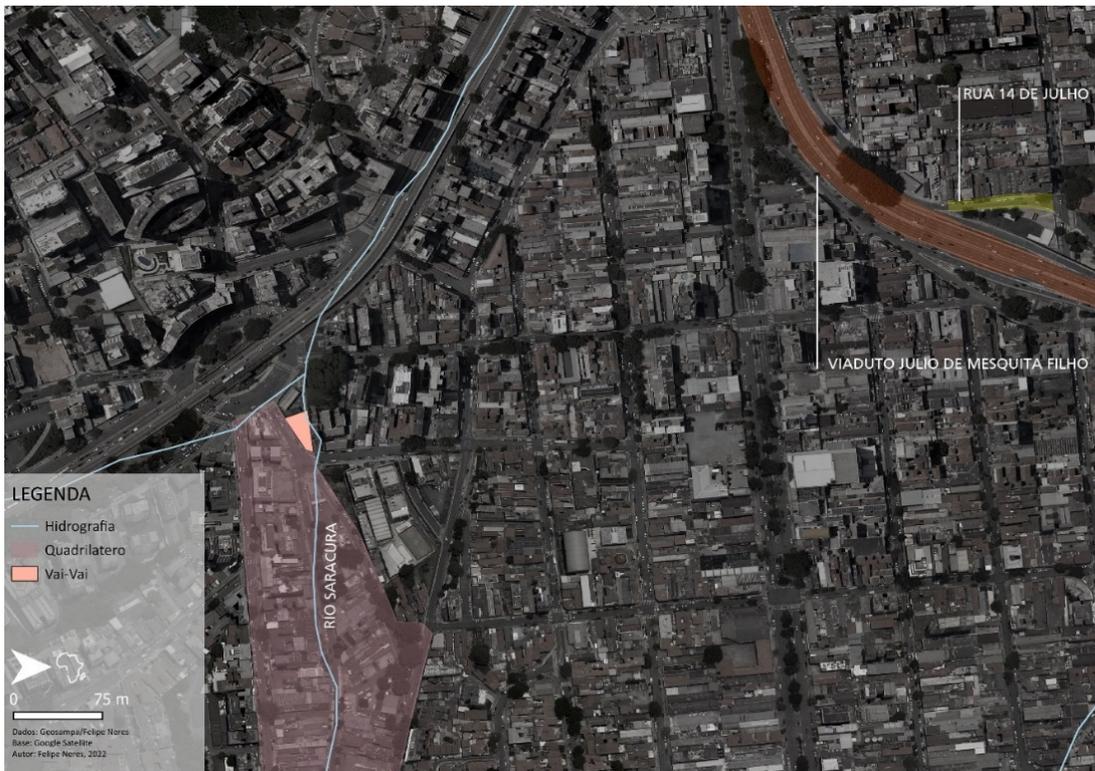
**Figura 10:** Prefeito Paulo Maluf apresentando o projeto do Elevado Costa e Silva, 1970. disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=j44cTNnDHps>.

As famílias negras são despejadas e uma nova sede do Vai-Vai é acordada pela prefeitura, um novo terreno seria concedido, mas com uma condição, de que o cordão carnavalesco do Vai-Vai, deveria se oficializar como Escola de Samba e que passasse a realizar suas práticas em um ambiente fechado, recluso. Nota-se, que essa negociação tem como objetivo claro a expulsão e eugenia das práticas negras no território, que passaram a se concentrar na nova sede social, sobre o episódio, Fernando Penteadó comenta:

“Quando a gente teve mesmo que sair a toque de caixa, porquê tinha que sair, descemos lá pra Rua São Vicente, tinha um cercadinho lá, nós entramos, quase que invadimos, depois a prefeitura fez um acordo com a escola de ficarmos lá por 90 anos e a gente foi ficando, ficando, ficando, assim, como a gente sempre fala no samba.” (Fernando Penteadó, em entrevista concedida no dia 04/08/2022).

“O terreno era da prefeitura, de ano em ano, sempre aparecia alguém que queria tirar a gente de lá, a gente ia lá (na prefeitura) e resolvia entendeu, e não tinha nada assim oficial, foi tudo na conversa dos prefeitos que passaram [...]. A gente ficou lá cinquenta anos, não foi comprado, invadimos o terreno e a prefeitura nos autorizou ficar lá por 90 anos, no final não deu nem 90 mas deu 50 anos.” (Fernando Penteadó, em entrevista concedida no dia 04/08/2022).

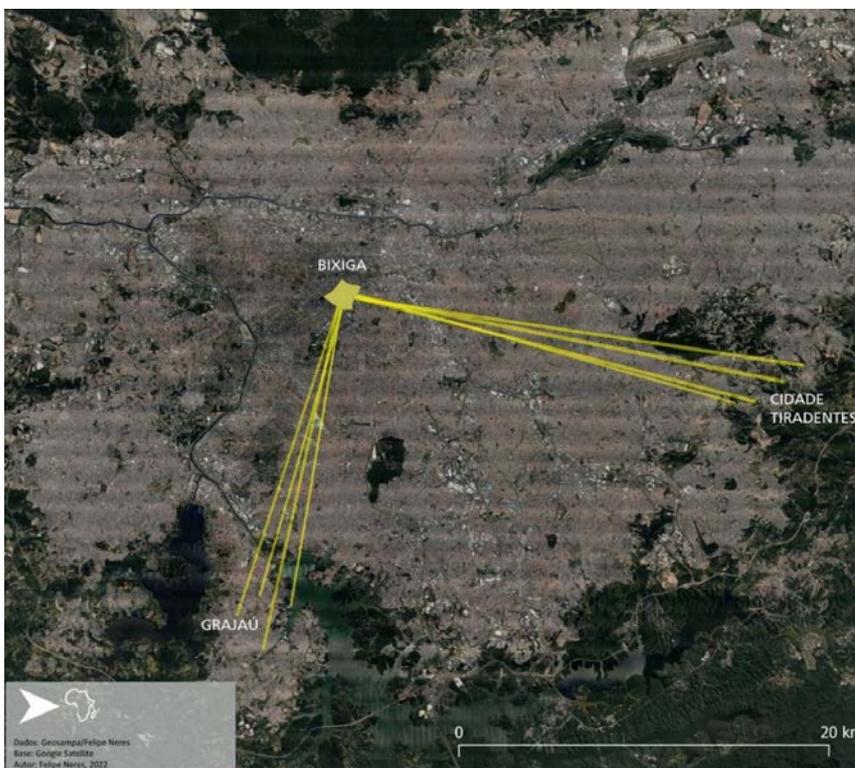
A descrição nos dá indícios sobre os desdobramentos dessa decisão urbana, que levaram o Bixiga a um processo de despossessão de parte de sua comunidade, decisão política e compulsória de regulação das práticas sociais e dos corpos negros, o que era “Cordão” passa a se “organizar” como “Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba”.



**Figura 11:** A Rua 14 de Julho em amarelo, em laranja o Viaduto Júlio de Mesquita Filho. Autor: Felipe Neres, 2022.

Regulada as práticas do samba, Fernando Penteadó ainda nos revela para onde parte da comunidade se dissipou:

“Muitos dos nossos da Rua Major Diogo e da Rua Maria José, foram morar nas primeiras COHABs de São Paulo, na Cidade Tiradentes e no Grajaú, esses dois lugares, são focos de Vai-Vaeenses e de Bixiguentos.” (Fernando Penteadó, em entrevista concedida no dia 04/08/2022).



**Figura 12:** Deslocamentos do povo do Bixiga em direção a Cidade Tiradentes (zona leste) e o Grajaú (zona sul) nas bordas da metrópole. Autor: Felipe Neres, 2022.

É importante destacar, que apesar do processo diaspórico, o sentido comunitário não se perde, essas relações se mantêm, mesmo quando corpos e territórios são violentados pela branquitude que constantemente os forçam a se fragmentar na metrópole.

Apesar do espraiamento do Vai-Vai, os laços comunitários não são perdidos, segundo Muniz Sodré (1989) o patrimônio simbólico ou a memória cultural negra afirma-se como território, os corpos são capazes de se reterritorializar, fortalecer e coexistir, os atravessamentos do povo do Vai-Vai nesse processo diaspórico, torna-se um exímio exemplo.



Figura 13: Ensaio de Rua no Vai-Vai na sede social da Rua São Vicente (2014). Autor: Thaugro.com

#### 4. O Vai-Vai em uma nova diáspora

No ano de 2021 o Vai-Vai finalmente perde sua sede social no terreno da Rua São Vicente, para dar lugar as obras da Estação 14-bis da linha 6 laranja do metrô, consorciada pela Linha UNI, que tem por objetivo, ligar o bairro da Liberdade na região central ao distrito da Brasilândia na zona norte. O projeto, possui 15,3 km de extensão e deve contar com 14 estações, a previsão, é de transportar cerca de 600 mil passageiros/dia, as estão em curso desde abril de 2022.

#### A LINHA 6-LARANJA

Trecho do Metrô vai ligar Brasilândia à Liberdade

○ Futuras estações da 1ª fase

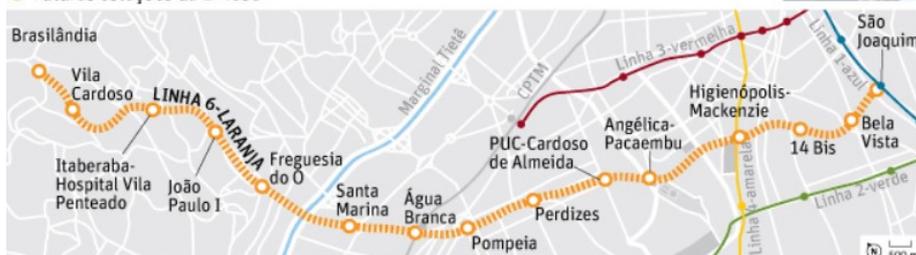


Figura 14: Mapa da futura linha 6-laranja do metrô. Fonte: Site G1.

Decorrente disso, uma nova diáspora é posta ao povo do Vai-Vai em nome do “progresso”, o terreno da Rua São Vicente é finalmente expropriado, a desapropriação do terreno, está sendo realizada pelo grupo “acciona” – concessionária responsável pelas obras da linha 6-laranja do metrô, já foram realizadas até o momento, a demolição da sede social da Rua São Vicente e parte da Rua Dr. Lourenço Granato.

Em um comum acordo com a diretoria da agremiação, a concessionária se comprometeu em construir uma nova sede social, em um terreno a próximo da antiga sede, na Rua Almirante Marques Leão, as obras foram iniciadas mas atualmente encontra-se embargada, o poder público alega irregularidades no projeto, que não seguiu para aprovação, impossibilitando assim, o início das obras.

O Vai-Vai atravessa esse imbróglio jurídico, que mantém as obras paralisadas, a escola se esforça em prosseguir com os trabalhos socioculturais da comunidade, mesmo sem ter um espaço para realizar seus ensaios.



**Figura 15:** Demolição da Quadra do Vai-Vai para construção da Estação 14 bis do Metrô.  
Autor: Felipe Neres, 2021.

Ao analisar o projeto e o EIA/ARRIMA da obra (Estudo de Impacto Ambiental – EIA e o Relatório de Impacto Ambiental – RIMA) de 2011, não é encontrado objeção alguma sobre os impactos da construção, os aspectos físicos, ambientais e de áreas a serem desapropriadas, o relatório se mostra muitas vezes genérico e se quer há uma preocupação com os valores patrimoniais, culturais e simbólicos do lugar, o terreno do Vai-Vai é compreendido como terreno e área livre pública, favorável a desapropriação.

Movimentos sociais e a própria diretoria da escola relutaram por mais de dez anos em deixar a sede social, mas a promessa de um novo terreno e a construção de uma arena de ensaios fez com que o acordo fosse finalmente consolidado em 2021.

Diante desse cenário, busco trazer parte das contradições presentes na construção de outras duas estações da mesma linha 6 laranja do metrô, as futuras estações “PUC-Cardoso de Almeida” e a estação “FAAP-Pacaembu”.



**Figura 16:** Canteiro de obras da estação 14-bis da linha 6-laranja do metrô. Autor: Linha UNI, 2022.

Na construção da estação 14-bis temos a situação de “terra arrasada”, onde não só a sede social do Vai-Vai é expropriada, mas as áreas destinadas as apresentações de rua e parte da Rua Lourenço Granato e Rua Cardeal Leme.

Ao analisarmos a proporção da obra da estação 14-bis com os outros terrenos desapropriados para as demais estações, esse “modus operandi” não se repete, as futuras estações PUC-Cardoso de Almeida, localizada na Rua Cardoso de Almeida, nº 972 e a Estação FAAP-Pacaembu localizada na Rua Sergipe, nº 799, ambas no bairro de Perdizes, seguem outro padrão de desapropriação.

Ao confrontarmos as imagens, fica evidente a tese, de que grandes obras urbanas, ao atravessarem territórios negros e populares a regra é devastar, varrer parte da memória de seu espaço de sociabilidade e práticas socioculturais, onde os valores simbólicos e de patrimônio imaterial são completamente ignorados.



**Figura 17:** Obras da estação PUC-Cardoso de Almeida do metrô. Autor: Linha UNI, 2022.



**Figura 18:** Obras da FAAP-Pacaembu da linha 6-laranja do metrô. Autor: Linha UNI, 2022.

Com a promessa da construção da nova sede social um outro terreno a cerca de 10 quilômetros do território é anunciado e prometido pela prefeitura, a futura “Arena Vai-Vai”, que ao ser inaugurada deve funcionar como espaço dos ensaios da comunidade. A construção da arena, não está próxima da identidade cultural do Bixiga e deve ser implantada ao lado de outras duas quadras de escolas de samba, a “Águia de Ouro” e a “Mancha Verde”, ambas agremiações que sofrem processos de despossessão muito semelhantes ao experimentados pelo Vai-Vai.

A “Águia de Ouro” por exemplo, reside a décadas longe de seu território de origem, a Vila Anglo Brasileira na zona oeste, a escola já se abrigou em uma praça, viaduto até conquistar a atual quadra, localizada na Marginal do Tietê.

“No ano de 2010, um fato marcaria a nossa história, o espaço sob o viaduto Pompéia, que foi nossa casa durante quase 15 anos, foi solicitado pela prefeitura para que obras de melhoria no bairro fossem feitas.” (Site Oficial Águia de Ouro, acessado em 20/09/2022).

Os processos de despossessão da Águia de Ouro, se assemelham com as do Vai-Vai de 1972 e 2022, decisões políticas que levam a métrica de embranquecimento de territórios negros em onde interesses do capital e do Estado se impõe a espaços de sociabilidade, memória e identidades negras.

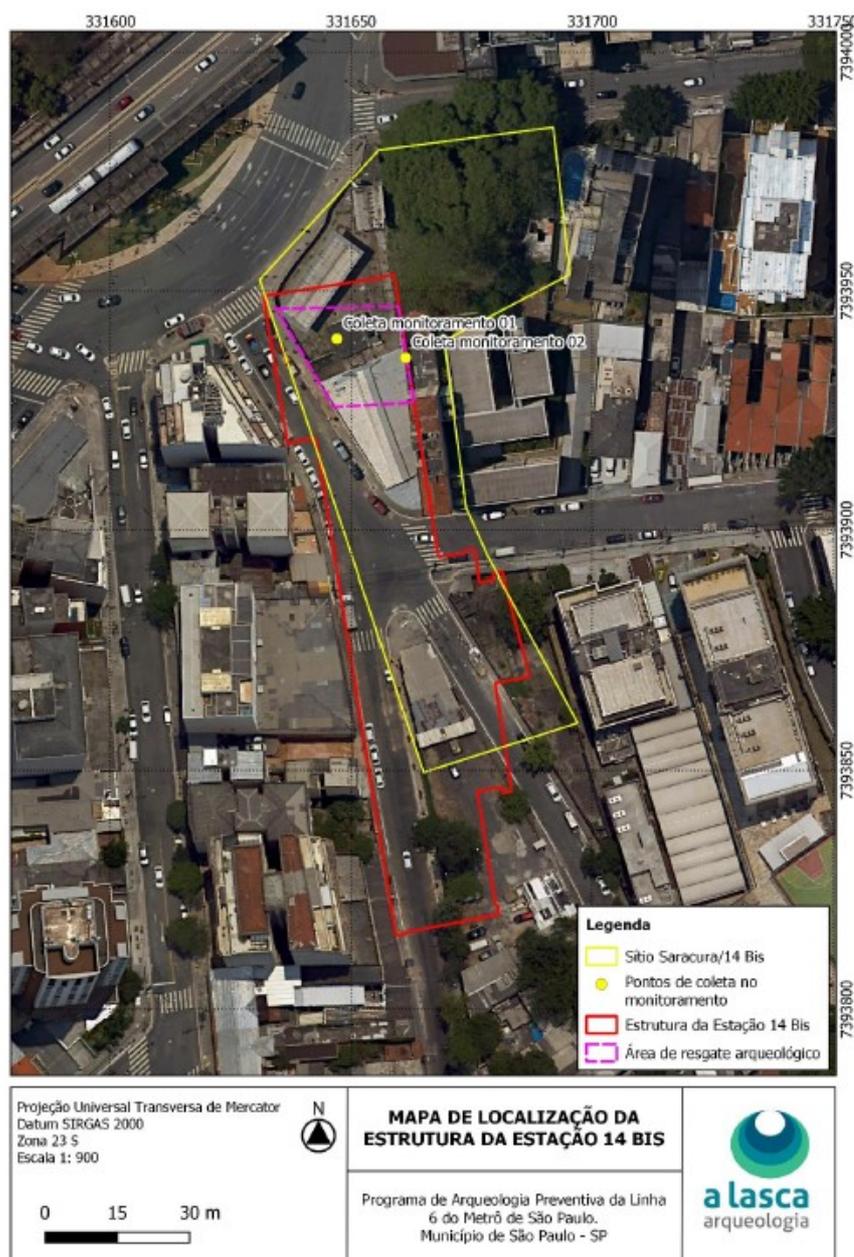


Figura 19: A Arena Vai-Vai Fonte: G1.

## 5. Um lugar de memória negra

Em abril de 2022, têm-se a descoberta de um sítio arqueológico no canteiro de obras da estação 14-bis do metrô, no local da antiga sede social do Vai-Vai, entre as ruas Manoel Dutra e Rua Lourenço Granato.

A “A lasca”, empresa de arqueologia contratada pela concessionária do metrô, responsável pelas escavações e pelos achados arqueológicos, delimitou a área e nomeou o sítio como “Saracura-14-Bis”. Os vestígios encontrados se encontram em fase inicial de estudos e análise, o último relatório publicado pela empresa em julho de 2022, demonstra que a materialidade desses vestígios provavelmente data do final do século XIX e início do século XX, período de ocupação do Quilombo Urbano da Saracura.

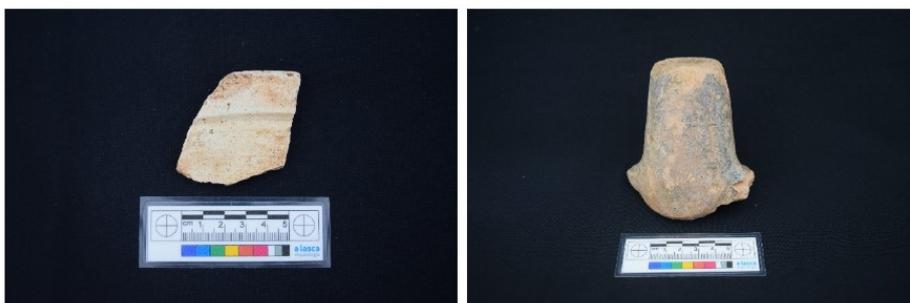


**Figura 20:** Localização dos achados arqueológicos no sítio Saracura 14/bis. Autor: Relatório Alasca 2022.

Diante da notícia, moradores, pesquisadores, juristas, integrantes de movimentos sociais e entusiastas à causa negra, se reuniram em um debate na sede do museu do Bixiga, o MUMBI em maio de 2022, na ocasião é fundado o Movimento “Saracura Vai-Vai”.

O movimento, busca reivindicar a preservação dos achados arqueológicos encontrados nas obras da estação 14-bis, compreendidos como memória do Bixiga e do Quilombo Urbano, o coletivo não se opõe as obras do metrô, mas exige reparação histórica, a partir da mudança do nome da futura estação “14-bis” para “Saracura-Vai-Vai”, em memória aos negros que ajudaram a construir a história do bairro, da Escola de Samba Vai-Vai e do Rio Saracura.

Com relação a salvaguarda, os vestígios estão sendo catalogados e recolhidos, para mais tarde serem investigados, até o momento, foram encontrados cerâmicas, louças, vidros, metais e elementos arqueofaunísticos.



**Figura 21:** Elementos cerâmicos encontrados no sítio Saracura 14-bis. Fonte: Relatório Alasca 2022.



**Figura 22:** Elementos faunísticos encontrados no sítio Saracura 14-bis. Fonte: Relatório Alasca 2022.

Não cabe relacionarmos esses achados arqueológicos como elementos que indicam às práticas negras do Quilombo Urbano da Saracura, apesar da sedução em relacionar os objetos cerâmicos à alguidares ou quartinhas ou a partir dos fragmentos arqueofaunísticos com “trabalhos” ou “despachos” realizados às margens do Rio Saracura, costume bastante empregado pelas religiões de matriz africana, seguem apenas como hipótese, sem qualquer constatação da equipe de arqueólogos que até o momento, mostram-se sensíveis à salvaguarda dos vestígios encontrados, o movimento Saracura Vai-Vai permanece em observação, com os trabalhos empreendidos pela empresa “A lasca”.

Paralelo a isso, diversas ações do Movimento vêm sendo desenvolvidas junto à comunidade, como aulas públicas, ações educativas, diálogos com movimentos sociais, participação em audiências públicas e ações políticas e efetivas para a salvaguarda dos vestígios arqueológicos, esforço coletivo, para que as lutas colocadas venham ser finalmente conquistadas.



**Figura 23:** Membros do grupo Saracura Vai-Vai. Fonte: Movimento Saracura Vai-Vai

## 6. Conclusão

Manter a memória e as relações comunitárias no Bixiga, mostram-se fundamentais, as discussões em torno dos processos de despossessão da Escola de Samba Vai-Vai, nos levam a refletir de como espaços de sociabilidade negra, lutam por sua existência e se constroem como lugares de resistência urbana.

Assim, as decisões e políticas legitimadas pelo Estado, levam ao embranquecimento de territórios, onde corpos são levados à exotização e a constantes processos diaspóricos. A luta está posta ao povo do Vai-Vai, comunidade que busca “seguir firme no pedaço”, desde os tempos do cordão, da conquista da encruzilhada da Rua São Vicente, até o despejo e a incerteza de uma nova sede e arena, decisões urbanas que mais uma vez se prestam a expropriar e transladar corpos negros no espaço.

<sup>1</sup> Pietra Diwan em *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*, busca trabalhar esse contexto.

<sup>2</sup> Francisco Pereira Passos, prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906.

<sup>3</sup> Antônio da Silva Prado, prefeito da cidade de São Paulo entre 1899 e 1911.

<sup>4</sup> Das intensas reformas urbanas que durante o governo Pereira Passos no Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Região do Cais do Valongo na zona portuária do Rio de Janeiro, lugar histórico da comunidade negra carioca.

<sup>6</sup> O sul da praça da Sé era tido como um território popular e negro até o final do século XIX, local de moradia predominante da classe trabalhadora e de escravos urbanos.

<sup>7</sup> Modelo de quilombo tradicional de resistência a escravidão (CASTRO,2009).

<sup>8</sup> As famílias negras se encontravam nas festividades de Pirapora do Bom Jesus, local do surgimento do samba rural paulista.

<sup>9</sup> Geraldo Filme, Madrinha Eunice e Carlão do Peruche, baluartes do samba paulistano, Geraldo Filme no Vai-Vai, Madrinha Eunice na Escola de samba “Lavapés” e Carlão do Peruche na Escola de samba “Unidos do Peruche”.

## Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Pólen Livros; 2019

BÂ, Amadou Hampatê. **A tradição viva**. In: História geral da África: Metodologia e Pré-história da África. 2 ed. – Brasília, UNESCO, 2010.

BASTIDE, Roger. **A macumba paulista**. Em: Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1973, pp. 193-247

BONA, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. São Paulo: Cultura e Barbárie, 2021.

BRAGA, Francinete. FERREIRA, Luiz. **Formação dos quilombos urbanos: uma análise dos deslocamentos da população negra da África para o Brasil**. 62ª Reunião Anual da SBPC, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de Uma Vida**. Editora Jandaíra; 1ª edição, 2019.

- 
- \_\_\_\_\_. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro Edições, 1ª edição, 2011.
- CASTRO, MÁRCIO S. **Bexiga: um bairro afro-italiano**. Editora Anablume, 2009.
- DIWAN, Pietra, **Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. Editora Contexto, 2007.
- DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. São Paulo: Senac, 2004.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”**. Buenos Aires, Buenos Aires: CLACSO, 2021
- LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. São Paulo: Nebli, 2016
- MOREIRA, F. A. (Org.) ; ROLNIK, Raquel (Org.) ; SANTORO, P. F. (Org.) . **Cartografias da produção, transitoriedade e despossessão dos territórios populares: observatório de remoções : relatório bianual 2019-2020**. 1. ed. São Paulo: Raquel Rolnik, 2020.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Documentos de uma Militância Pan-Africanista, 3a. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Um história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização: Alex Ratts, Zahar, 2021.
- \_\_\_\_\_. **Ôrí**. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. 2009.
- OSEKI, JORGE. **Pensar e viver a construção da cidade: canteiros e desenhos de pavimentação, drenagem de águas pluviais e de rede de esgotos em São Paulo**. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.
- PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia da metrópole nova**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro**. In: Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 1989.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro, Mórula, 2019
- SCHNEK, Sheila. **Formação do Bairro do Bexiga em São Paulo: Loteadores, proprietários, construtoras, tipologias edilícias e usuários**. Dissertação de mestrado – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- SIMAS, Luiz Antônio. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas** 1. ed. - Rio de Janeiro; Mórula, 2018
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrópole**. São Paulo, Vozes, 1995
- SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**. A forma social negro-brasileira. 3 eds. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.